

Filosofia: caminhos possíveis rumo à construção do saber ético na escola

Philosophy : possible paths towards the construction of ethical knowledge at school

Conceição de Maria Sousa Araújo

Resumo: O ensino de filosofia, ao longo da sua trajetória, tem contribuído para propiciar uma ampla reflexão sobre a função social do ato de pensar, como uma alternativa para construção moral do ser humano. Assim sendo, vem contribuindo com atitudes críticas diante das escolhas necessárias para que a vida se transforme e ofereça meios efetivos de se atingir a felicidade. Nessa perspectiva de emancipação, a filosofia tem o papel de possibilitar ao estudante, a descoberta e apreensão desse saber racional, capaz de construir uma autonomia intelectual alicerçada numa ética que possa trilhar caminhos alternativos para uma sociedade mais justa. Sabe-se da importância do ensino da filosofia para o desenvolvimento da formação crítica dos estudantes e, sobretudo, na sua contribuição para a formação ética na escola.

Palavras-chave: Filosofia, ensino, ética

Abstrat: O philosophy of philosophy, long since its costume, item contributed to propitiate a wide reflection on the social function of thinking, as an alternative for moral construction of the human being. Also, I have been contributing with critical attitudes through the necessary escorts so that life is transformed and offers effective means to achieve happiness. Nessa perspectiva of emancipation, a philosophical theme or role of enabling the student, to uncovered and learning of rational knowledge , capable of constructing an intellectual autonomy alicerçada numa ethics that offers alternative paths for a more just society. It knows-importance of teaching philosophy for the development of critical training of two students and, above all, its contribution to ethical training na school.

Keywords: Philosophy, ensino, ethics

O papel do professor de Filosofia é fundamental para determinar qual a metodologia que poderá definir a melhor trajetória do ensino-aprendizagem dos conteúdos a serem aplicados na intervenção filosófica, a fim de construir uma autonomia crítica do estudante. Acendendo, pois, a problemática de como educar para construção de um saber ético, Sívio Gallo (2013), observa:

Penso que se a filosofia pode, de fato, contribuir para o exercício da cidadania e mesmo para sua construção, ela não pode e não deve ser limitada a isso. A sua justificação deve se dar pelo papel que apenas ela pode desempenhar no processo de formação dos jovens. É a partir da clareza sobre esse papel que poderemos delinear as possibilidades e os limites da filosofia na educação dos jovens. E apenas depois de alguns anos em que a experiência do ensino de filosofia esteja generalizada e consolidada, é que poderemos tentar entender suas contribuições (2013, p.37).

Nesse percurso de aprendizagens e significações, o professor e o estudante invertem seus papéis, ora um é o mediador desse processo de formação para a cidadania na prática da sala de aula, ora é um facilitador para possibilitar a formação

de uma consciência ética, capaz de resistir ao processo de massificação social e cultural imposta pela sociedade contemporânea, que nega aos estudantes de escolas públicas um horizonte mais amplo de expectativas de mudança de vida.

Dentro desse espaço de aquisição de conhecimentos, no qual ainda se encontram práticas pedagógicas de ensino de disciplinas isoladas, com conteúdo programático desconexos da realidade, a escola com suas deficiências, muitas vezes, se apoia em modelos educacionais que seguem parâmetros determinados pelos indicadores de qualidade impostas pelo governo, deixando de atender de forma satisfatória os estudantes, nas suas necessidades de uma formação integrada que garanta uma visão de conjunto nos planos cognitivo, moral, social e estético.

Diante desse desafio de tornar o ensino de filosofia uma alternativa possível de emancipação dos estudantes, tendo como meta uma educação ética que conquiste uma identidade autônoma, na qual o ensino da cidadania represente a conquista da liberdade do homem poder ser e a partir dessa consciência, poder traçar rumos para construção de uma vida mais humana e feliz. Nos Parâmetros Curriculares do Ensino Médio (PCNs), a filosofia apresenta essa possibilidade como uma das finalidades do seu ensino em sala de aula,

Do ponto de vista ético, a cidadania deve ser entendida como consciência e atitude de respeito universal e liberdade na tomada de posição. De uma parte, a possibilidade de agir com simetria, a capacidade de reconhecer o outro em sua identidade própria e a admissão da solidariedade como forma privilegiada da convivência humana; de outra parte, a liberdade de tematizar e, eventualmente, criticar normas, além de agir com (e exigir) reciprocidade com relação àquelas que foram acordadas e o poder, livremente, decidir sobre o que fazer da própria vida, possibilitam desenhar os contornos de uma cidadania exercida em bases orientadas por princípios universais igualitários. O aspecto do *ethos* que se evidencia aqui é o que chamaríamos de identidade autônoma. (BRASIL, 2000 p.49).

Diante desse contexto de expectativas não correspondidas, quando o assunto é qualidade na educação pública, a filosofia pode contribuir para a formação ético-política do estudante, embora os governos reiterem em colocá-la como facultativa. Essa recente realidade do ensino de filosofia nas escolas públicas, na qual nos deparamos com constantes indagações por parte da sociedade, sobre a sua presença no ensino médio, surgem perguntas como: para que serve a filosofia? Qual a

praticidade da disciplina? Um questionamento que serve muitas vezes para justificar a marginalização da filosofia pelas políticas públicas do nosso país, o que contribui para deixar à margem todo o potencial de formação humana e social necessárias à formação humana da nossa juventude:

Há, com certeza, uma contribuição decisiva da Filosofia para o alcance dessas finalidades: ela nasceu com a declarada intenção de buscar o Verdadeiro, o Belo, o Bom. A despeito de uma transformação histórica no âmbito de sua competência explicativa – em parte devida à sua enorme fertilidade em gerar novos saberes –, o pensamento filosófico resiste precisamente porque não abandona seu motivo originário. Tratando-se aqui de algumas reflexões a título de contribuição para a prática pedagógica da Filosofia no Ensino Médio, não chega a ser necessário insistir, junto aos docentes da disciplina, nas razões que lhe conferem seu enorme e indispensável poder formativo. Mais do que nunca, filosofar é preciso! (BRASIL, 2000 p.45).

A despeito das políticas educacionais no Brasil, podemos constatar que a mais recente Lei de nº 13.415/2017, baseada na Medida Provisória nº 746 de 2016, sancionada no dia 16 de fevereiro de 2017, alterou a Lei 9.394 de 1996 – Leis de Diretrizes e Bases - LDB (BRASIL, Lei 13.415/2017), no seu artigo 35-A, que até então assegurava a obrigatoriedade do ensino de Filosofia. A atual Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia (BRASIL. Lei 13.415/2017). Dessa forma foi legalizada, novamente, a não-obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio, permitindo que os conteúdos filosóficos sejam apenas ministrados em outras disciplinas da grade curricular das ciências humanas.

A partir desse ponto de vista, a reforma do ensino médio teve como objetivo privilegiar os cursos técnicos e negar aos jovens brasileiros uma educação pública de qualidade que promova um pensar crítico e autônomo, capaz de refletir filosoficamente os problemas sociais e políticos pelos quais passa a nossa sociedade. Tal medida pretende a manutenção de um governo neoliberal e antidemocrático representado por interesses dos grandes empresários que vêem no ensino de filosofia um obstáculo ao sistema capitalista, que defende um ensino técnico como condição de garantia de uma mão de obra barata e alienada da maioria da população trabalhadora.

Segundo Von Zuben (1992), é possível inferir na história do pensamento ocidental as relações pouco amistosas entre a Filosofia e a *pólis*. Isto se deve ao papel crítico e questionador que originalmente a Filosofia desempenha, contrariando o poder estabelecido, subvertendo a ordem discursiva dominante, pondo esta lógica à prova a partir dos princípios de uma razão argumentativa. A atitude filosófica, nesse sentido, passa a ser por demais censurada pelos poderes estabelecidos de toda a natureza, e torna-se até proibida enquanto atividade. (NASCIMENTO, 2002 p.31).

A dificuldade enfrentada pela filosofia ao longo da sua história está relacionada à sua atividade que é o enfrentamento do mundo através da reflexão filosófica, a fim de chegar a uma compreensão racional da realidade. A despeito disso, temos no mestrado profissional de Filosofia, o PROF-FILO, implantado em 2017, ano que foi sancionada a lei de nº 13.415/2017 da reforma do ensino médio, este mestrado significa um avanço no atual retrocesso pelo qual passa a educação brasileira, por representar uma mudança da metodologia, nas aulas de filosofia, utilizada na sala de aula, por ter como conceito fundamental a intervenção filosófica.

Este esforço é parte do engajamento de professores e pesquisadores de filosofia que reelaboram e restabelecem um movimento de resistência em prol de uma educação emancipadora, tendo como proposta, uma intervenção filosófica por onde se segue discutindo estratégias e formas adequadas de trabalhar o conteúdo filosófico na sala de aula; tendo consciência que suas ações estão nas duas frentes: a defesa da obrigatoriedade da disciplina e o compromisso com a sistematização de propostas adequadas a este ensino com garantias de uma escola pública de qualidade.

A perspectiva de uma educação ética no ensino de filosofia que possa possibilitar um filosofar crítico e autônomo na sala de aula, através da criação de oficinas e encontros filosóficos, que envolvam valores éticos que despertem no aluno uma busca pela sua realização pessoal, que está relacionada com o certo e o justo. O estudo dos conteúdos éticos na sala de aula busca fazer pontes de significação da teoria com a realidade, permitindo o desenvolvimento consciente e fundamentando na história da Filosofia, como um referencial de ensino de um conhecimento exploratório e experimental capaz de contribuir para construção uma sociedade comprometida e solidária com o bem comum.

Conforme Ghedin (2009) a filosofia é uma atividade extremamente criativa e crítica. Assim, o autor define que o processo de ensino da filosofia possui uma

dimensão ética e política a partir do raciocínio que,

Cabe dizer que o mais importante como escolha para o ensino, em sua vinculação ao método, é o processo de *filosofar*, entendido como a construção de um caminho que ajude a pessoa a pensar criticamente, criando uma estrutura cognitivo-reflexiva que permita compreender a realidade em sua complexidade, aguçando-lhe o juízo, a habilidade analítica, o horizonte de compreensão e de construção de sentido ante os desafios da sociedade e do mundo contemporâneo. Essa compreensão implica atribuir caráter ético-político à Filosofia no espaço da escola e constitui dimensão central do filosofar. Nesse sentido, o ensino de Filosofia no espaço escolar, além de ter o encargo de oferecer ao educando um referencial da cultura produzida pela disciplina em sua tradição histórica, deve propor-lhe uma formação ético-política que lhe possibilite compreender significativamente as relações de poder presentes na sociedade atual e sua responsabilidade ética na humanização dessa sociedade.” (GHEDIN, 2009, p.37-38).

Falar da importância da filosofia no espaço escolar, como necessária à educação ético-política do estudante numa sociedade moderna, implica inúmeras dificuldades que a educação brasileira enfrenta nos dias atuais, com problemas relacionados à falta de políticas públicas de valorização dos professores, problemas na gestão escolar com o sucateamento das escolas públicas, o aumento da evasão escolar, da repetência, da violência que, junto com a submissão, a apatia e o desânimo presentes no relacionamento entre professores e estudantes, vêm contribuindo para este quadro caótico na educação pública.

A filosofia no ensino médio busca o aperfeiçoamento do estudante, um ser em formação, e uma intervenção filosófica, em que a construção ética objetiva levar o indivíduo a desenvolver uma autonomia intelectual capaz de contribuir para reflexão das suas escolhas através de um pensamento crítico e coerente dentro da sua realidade, precisa ser efetivada. Mas como o professor deve direcionar esse ensinar filosofia, num mundo globalizado com constantes mudanças em todas as áreas da sociedade atingidas por uma tecnologia cada vez mais avançada? Não há um método, a filosofia é um constante devir, incompleta, inacabada, sempre a se compor. Nesse percurso de encontros e desencontros de metodologias filosóficas, vemos que,

Trata-se, portanto, de definir claramente qual é o centro do processo formativo ético, processo que implica o exercício maduro e responsável da liberdade, que implica uma conduta

capaz de integrar as dimensões individuais e comunitárias, que implica a vivência de virtudes que levem a pessoa à sua máxima realização, respeitando-se as diferenças temperamentais, as diversas vocações, as mentalidades díspares e as inúmeras opções de vida. (PERISSÉ, 2004 p.180).

Cabe, pois, ao professor essa articulação com os diversos conteúdos filosóficos, esse ir e vir entre textos, fundamentações e diretrizes educacionais que podem conduzi-lo ao sentido do filosofar, um caminho de descobertas sem garantias para se chegar a reflexão que leve a uma atitude filosófica. Entende-se que o professor de filosofia deve estar sempre atento à importância do processo de situar o ensino da Filosofia no seu tempo. Nesse repensar das relações humanas que ocorrem na escola e que estão diretamente relacionadas à formação do estudante, a filosofia nos fornece uma dimensão de possíveis experiências de como promover uma formação ética que leve a emancipação e proporcione a todos os envolvidos uma mudança de atitude.

As naturezas argumentativa e reflexiva da Filosofia são algumas das características fundamentais para a formação moral do educando, fazendo-se essenciais para o desenvolvimento das competências necessárias à cidadania situada no tempo presente. O papel da comunicação dialética entre professor e estudante, quando situado nos conteúdos filosóficos, deve ser produzido e conectado com a realidade, pautado numa consciência filosófica e alinhado com os interesses dos alunos. Nesse sentido, ensinar filosofia demanda um repensar constante da prática teórica do professor em meio as problemáticas proposta pela própria disciplina, no qual, a partir de um estranhamento, o diálogo filosófico é estabelecido, tendo como fim, a educação ética do estudante,

O significado da Filosofia esteve sempre associado a ensinabilidade. Em Severino (1993), "*a filosofia já nasceu paidéia,*" ou seja, ela originariamente está ligada a um projeto educacional mais amplo e se afirmar no exercício cotidiano do aprender a pensar e do pensar aprendendo. Parte-se da ideia que a questão do ensino de Filosofia se justifica tanto na modalidade de uma disciplina específica no currículo escolar quanto no caráter educativo dos sistemas e doutrinas filosóficas, e, conseqüentemente, na tarefa da filosofia como uma antropologia educacional. (NASCIMENTO, 2002 p.35).

Este processo de formação para autonomia assumido pelo ensino de filosofia

tem como possibilidade levar os estudantes a se reconhecerem como capazes de construir uma interpretação de si mesmos e do mundo, de maneira consciente, atuante e alinhada com os interesses comuns a todos que buscam uma realização pessoal e comunitária.

As criações de significados são próprias da filosofia e características da sua fundação, o que lhe atribui uma dimensão criadora e aberta a discussões e reflexões, sendo que através da problematização da realidade no ambiente escolar, os alunos podem adentrar no processo de experimentação e interpretação das experiências dentro da reflexão filosófica que lhe são próprias, interferindo e destacando as questões e acontecimentos sociais, políticos e culturais que dizem respeito a uma variedade de perspectivas que fazem parte do seu cotidiano e que precisam ser compreendidas, a fim destes estudantes, poderem se reconhecer nas suas experiências de vida e através delas se emancipar como seres humanos.

A inquestionável importância do ensino de filosofia nas escolas, nos leva ao questionamento sobre qual seria o verdadeiro lugar da Filosofia no ensino médio e como o professor poderia, na condição de filósofo, na sala de aula, fazer acontecer uma experiência filosófica capaz de dar sentido ao próprio ensinar? Lembrando que essa discussão gira em torno da busca dos fundamentos da filosofia e qual seria o lugar direito? Neste sentido, a filosofia, por esta está afastada da sua especificidade, por excesso de teorização ou distanciamento do seu objeto principal de estudo, busca no processo do próprio filosofar, uma aproximação do fim último da educação, que é o estudante que,

Dewey compreende que a busca dos fundamentos últimos tornou a filosofia prisioneira de uma imagem da mente como construtora de representações - algumas exatas, outras não, mas todas com a pretensão de serem estudadas por meio de métodos puros, não empíricos. Diferentemente dessa tradição que supõe uma ideia de superioridade intelectual do saber, revelado por meio de métodos não empíricos, Dewey argumenta a favor do empírico em filosofia e se coloca contra uma comum concepção de realidade como segura, regular e acabada (NASCIMENTO, 2014, p.33).

A filosofia não é um fazer operacional que pode ser programado numa semana pedagógica, mas um vivenciar, um experimentar constante que está inserido na práxis humana, significa neste sentido, uma possibilidade de interação de experiências significativas entre professor e estudante, no ambiente da sala de

aula, já que os problemas suscitados na intervenção filosófica serão interpretados tendo em vistas a busca de uma solução comum proposta pelo grupo.

Nessa busca do “como fazer” filosofia na sala de aula, temos um desafio a ser enfrentado por todos os professores desta disciplina que reconhecem a emergente necessidade de trazer a filosofia para realidade da escola pública, a saber, estimular a natural curiosidade dos estudantes do ensino médio a buscarem soluções para os problemas filosóficos propostos. Como nos mostra a seguir Edna Nascimento:

A experiência teria que ser na filosofia, assim como é nas ciências naturais, o ponto inicial e terminal da investigação, colocando problemas e testando propostas. Se o método empírico fosse adotado no filosofar, a experiência não teria sido delegada a um lugar secundário e quase acidental como o foi na escola cartesiana. Dewey assegura que assumir a perspectiva de uma filosofia histórica e contingente é uma forma de enfraquecer os discursos dominantes das ontologias clássicas que se “interpõem no caminho da compreensão da força do método empírico em filosofia”. Ele conclui que quando é negligenciada a conexão entre objetos científicos e os acontecimentos da experiência primária, o resultado é um quadro de um mundo de coisas indiferentes aos interesses humanos. Conforme Geiger, a experiência servirá como um elemento profilático contra a descontinuidade, pois poderá ser utilizada para corrigir o empirismo parcial que seleciona apenas alguns aspectos da experiência como reais. (NASCIMENTO, 2017, p.92).

A perspectiva de ensinar uma filosofia na qual os estudantes sejam o centro da experiência do ensino-aprendizagem, através de uma intervenção filosófica, nos aproxima de uma filosofia mais humanizada que desperte a capacidade criadora do aluno para a descoberta de um saber significativo capaz de intervir no seu ambiente e transformá-lo. O ensino de uma educação filosófica que não se molda na ideologia dominante da sociedade capitalista deve ser o norte de cada professor de filosofia. Em tempos sombrios é necessário questionar o excesso de informações sem formação que sufoca nossa juventude e, muitas vezes, os formadores de opinião não têm um posicionamento consciente sobre que rumo seguir, a que tipo de educação conduzir as futuras gerações.

O compromisso de uma mudança de postura diante de uma prática pedagógica que não privilegia um saber contextualizado baseado numa reflexão

filosófica na disciplina de filosofia, exige do professor de filosofia, um constante se conscientizar da sua responsabilidade diante do processo do filosofar, da necessidade de atualizar sua formação profissional para que não fique a margem da sua prática pedagógica e docente. Essa consciência da necessária atualização profissional do professor de filosofia, como condição de ser aceito e reconhecido na sua atuação, nos leva a classificação dos saberes docentes,

Na perspectiva de construção de uma base de conhecimento docente que, objetivamente, caracterize a profissão do professor, retoma-se a sistematização de Gauthier et alii (1998) para classificar os saberes docentes. O autor explora três categorias de análises: *“ofício sem saberes”*, *“saberes sem ofício”* e *“ofício feito de saberes”*. No primeiro caso, a categoria *“ofício sem saberes”*, estar-se referindo ao trabalho assistemático dos professores, conduzidos muitas vezes pela criatividade e senso de improvisação: bom senso, intuição, experiência, dentre outros. *“Os saberes sem ofícios”* podem ser identificados com os saberes formais com pouca utilidade prática, de caráter academicista, que muitas vezes acabam se transformando em saberes desconectados da realidade, ou o saber pelo saber; e o *“ofício feito de saberes”*, este, sim, na visão do autor, é um saber que possibilita o equacionamento das diversas dimensões requeridas na compreensão dos saberes docentes. (NASCIMENTO, 2002, p.115-116).

No entanto, sabemos que a disciplina de Filosofia possui esses saberes e oferece também, as competências e habilidades necessárias para formação ética do estudante que se encontra em fase de transformação física e mental e necessita desse aprimoramento ético oferecido nas aulas de filosofia.

Nesse aspecto, poder levar o estudante, a ter uma visão de conjunto dentro dos diferentes saberes existentes na história da Filosofia e no universo cultural da qual ele faz parte, juntamente com os conhecimentos adquiridos dentro e fora da sala de aula, torna-se um desafio diário para o professor de filosofia, que deve ser enfrentado, a fim de, contribuir para a construção de uma formação ética que possibilite o pensamento autônomo e crítico do estudante do ensino médio.

Sônia Campaner nos leva à reflexão que a filosofia não possui uma praticidade ligada a conceitos e a lugares comuns adotados pela sociedade atual, onde as verdades se tornam meras opiniões e delegam à filosofia a função de dar sentido ao mundo, com o sentimento de que o compromisso da educação seria,

O compromisso da educação não é o de adequar a juventude a uma sociedade cujo resultado mais palpável é o vazio deixado pelo excesso de informações e pela condução das atividades de mera diversão. Adorno tem consciência de que a palavra do pensador, em épocas nas quais essa reflexão é particularmente necessária, talvez não seja suficiente para por em movimento o elemento de retrocesso no qual nasceu e do qual tomou consciência. No entanto, essa mesma palavra não pode subtrair-se da experiência e da necessária vinculação do pensamento ao núcleo temporal da verdade. Considera assim importante o saber da história da Filosofia. Porém, como ilustração, já que o mais atual e mais sério deve ser a crítica do pensamento filosófico imperante tal como ele se encontra formulado em projetos de definição, por exemplo, das políticas de educação e/ou de organização da produção, de difusão de informações e cultura etc. Não encontramos, na simples imersão na história da Filosofia, no arcaísmo ou na síntese de resultados científicos, a solução do enigma filosófico, porque somente na comunicação dialética com os projetos filosóficos recentes e com a realidade que os produziu é que se impõe uma consciência filosófica adequada. A tarefa da Filosofia pode ser definida como uma confrontação polêmica com a atualidade para interpretá-la. (CAMPANER, 2012, p.17).

A compreensão que, a tarefa do ensino da filosofia no ensino médio está na busca de um entendimento do homem no seu tempo e nas suas relações de convívio social, implica polêmica, pelo fato de que o professor se torna o centro do processo de ensino-aprendizagem, tendo sobre sua responsabilidade a busca do necessário conhecimento da realidade do estudante na sala de aula, para poder intervir de forma satisfatória, propiciando a formação de uma consciência filosófica.

Nesse ponto de vista, a intervenção filosófica, realizada no ambiente da sala de aula, muitas vezes, é mal compreendida por parte do estudante, pelo mesmo não saber interpretar conscientemente sua importância no processo de ensino-aprendizagem, como também na sua atuação no mundo do qual faz parte. Daí a importância do papel da reflexão filosófica, o de despertar o estudante da alienação ideológica da qual está absorvido e o impede de compreender e interferir de forma satisfatória na sua realidade a fim de transformá-la.

A educação filosófica hoje, se faz cada vez mais necessária, especialmente nas escolas públicas, devido à complexidade do público envolvido no processo educacional e da premente necessidade de uma formação crítica capaz de construir uma consciência moral que leve os alunos a reivindicarem e tomarem posse de uma

cidadania que lhes pertence de fato!

O ensino de filosofia presente na sala de aula tem a capacidade de permitir aos alunos refletirem sobre as relações humanas e sociais que fazem parte do seu cotidiano e se refletem no ambiente escolar, favorecendo a compreensão das mesmas e resultando em interações significativas para a boa convivência, que se constroem no lugar comum, no qual os seres humanos se humanizam e se reconhecem como semelhantes.

O desafio do ensino de filosofia no ensino médio reflete a preocupação cada vez mais crescente dos filósofos sobre como pensar a filosofia na situação atual. A Filosofia deve ser compreendida como algo instrumental, que ajuda no desenvolvimento de certas habilidades apenas, ou a filosofia tem um fim em si mesmo? Silvio Gallo (2013) nos ajuda a refletir esta problemática que,

“Ora, desde Aristóteles a filosofia se define como um fim em si mesmo, e não como um meio para atingir um objetivo determinado”. Justificar um espaço para a filosofia nos currículos da educação básica apenas de modo instrumental - isto é, a filosofia a serviço de algo, como a cidadania – é, portanto, essencialmente antifilosófica [...]. (2013 p.21-22).

O autor ao se referir a Aristóteles, com a afirmação que “o ensino de filosofia se define como um fim em si mesmo”, deixa clara a intenção que a filosofia por si só basta, já que ao se pensar numa educação essencialmente filosófica, temos em mente que a mesma não deve servir a nenhum senhor, por estar fundamentada na liberdade do livre conhecimento, sem qualquer tutela que a possa aprisionar.

Podemos entender que na visão de Gallo, o ensino de Filosofia funciona como uma forma de resistência diante, do processo de aceleração de uma aprendizagem globalizada e generalizada, que serve a diversos senhores com opiniões formadas e formadoras que atendem, a interesses econômicos, políticos e sociais, que interferem nos currículos da educação brasileira, modificando todo o sentido de uma educação essencialmente filosófica.

Cabe a nós, professores, a preocupação de “como pensar a filosofia” no nosso contexto atual, de forma independente, a fim de buscar responder a problemática do nosso tempo, como resistência ao lugar comum, como disse Gallo (2013, p.22). “Dizendo de outro modo, reivindico a possibilidade de afirmamos: “conheço

filosofia e sou cidadão”, em vez de “sou cidadão *porque* conheço filosofia”. Pensando dessa forma, nós professores dessa disciplina, poderemos fazer presente no tempo e no espaço, um ensino de filosofia sempre atualizado, como forma de conhecer, problematizar e refletir a educação no ambiente escolar de forma significativa, contribuindo para a construção de conceitos éticos resistentes a totalização do conhecimento cristalizado pela cultura e pela técnica impostas pela sociedade globalizada.

Recuperar esse sentimento de autonomia, necessário ao ensino da filosofia no ensino médio, diante dos diversos condicionamentos que a sociedade-estado impõe a não obrigatoriedade da disciplina e particularmente ao professor de sala de aula, pode parecer uma utopia, já que os discursos educacionais mencionam a própria filosofia como necessária a uma formação para a cidadania. Dessa forma, o que justificaria sua presença, ainda que recente como disciplina na grade curricular do ensino médio.

Dito assim, Walter Kohan nos remete a uma reflexão sobre o ensino da filosofia como uma educação filosófica, que tem na contribuição de Sócrates, um novo modo de pensar a forma de ensinar a filosofia, quando o transmitir nos parece intransmissível. Nessa linha de pensamento, Kohan (2009) afirma que,

Habitamos uma tradição pedagógica fundada na lógica da transmissão. Todavia, não está claro o que se transmite no ensino de filosofia. É evidente que não se pode reduzir a filosofia à transmissão de conteúdos filosóficos. Contudo, a ausência de qualquer forma de transmissão é também problemática. Sócrates parece sugerir que, em filosofia, nada há para transmitir a não ser um gesto que, em si mesmo, não pode ser transmitido. Sócrates saia a viver a sua vida, a exercitar seu gesto filosófico e nesse gesto começa e termina o pôr-se em cena pedagógico da filosofia ou, melhor, de uma educação filosófica. É “só” um gesto, uma relação com o conhecimento, e não um corpo de conhecimentos - o que inaugura e dá sentido à prática e um professor. (2009, p.75).

A transmissão do conteúdo filosófico através do ensino da filosofia não deve seguir a linha de um conteúdo programático, planejado num plano de curso engessado e oficializado a uma coordenação pedagógica. Na visão do autor, deve ser um exercício do filosofar através da construção do pensamento na sala de aula, um constante exercício de explorar os pensamentos a partir da descoberta do saber, tendo

o professor, o papel de mediar essa experiência do pensamento, facilitando o surgimento da problemática a ser refletida, não determinando até onde o aluno deve chegar, nessa busca de conhecimento, mas permitindo nesse processo a descoberta da autonomia do próprio pensar.

A educação filosófica estaria alicerçada nesse processo de aprendizagem, na liberdade de escolha entre os envolvidos no processo de aprendizagem, essa atitude é essencial para que a relação e troca de conhecimento possa fluir e permitir que o pensamento seja construído. A apreensão do sentido do filosofar é um desafio aos tempos presentes de professores sem tempo, e nós professores de Filosofia temos cada vez mais que redescobrir qual o sentido de se ensinar a pensar através da reflexão filosófica nas salas de aula.

A reflexão sobre a construção do pensamento filosófico nas aulas de Filosofia do ensino médio nos levanta questões relativas ao mundo dos valores morais, que nos remete a problemas comuns no cotidiano do aluno, que precisam ser levados ao debate, a fim de, se obter uma compreensão mais abrangente dessa problemática que pede uma inserção cada vez maior da filosofia na vida dos estudantes do ensino médio.

Desse modo, o professor como transmissor e mediador de conhecimentos, dentro da sua capacitação, deve se perguntar sobre que método filosófico deve adotar na sua prática filosófica. Sabe-se que não há uma fórmula pronta, na qual se possa guiar com segurança estrada afora, mas apenas caminhos a serem desbravados, reflexões a serem concluídas e muitas problemáticas a resolver.

Enfim, que a filosofia seja capaz, de pôr em questão as opiniões formadas pelos estudantes, que o professor seja um guia, na escuridão das questões relacionadas a condição humana. A condução do estranhamento inicial através das dúvidas que levam as descobertas, deve ser explorada pelo professor, que irá mediar os conflitos, facilitar as reflexões sobre as soluções a serem exploradas, para que os problemas filosóficos sejam compreensíveis e possíveis de gerar um diálogo com conteúdo significativo na prerrogativa que todos podem e devem buscar o conhecimento. Sobre a atitude de colocar em foco o problema, nos leva a essência da Filosofia, que é o sentimento de ignorância segundo Gallo (2013):

Se a filosofia é o sentimento de ignorância, é porque nela é fundamental a experiência do problema. Não se produz filosofia sem um problema, o que nos leva a afirmar que o problema é o motor da experiência filosófica do pensamento. Essa constatação levou González Porta (2002, p.29) a afirmar que “o não atentar ao problema degrada o ensino ou o estudo filosófico a um contar ou escutar história”. E nos faz questionar: o que pretendemos ao ensinar a filosofia? O que pretendemos que os estudantes aprendam, ao estudar filosofia? (2013,p.70).

A presente preocupação com um ensino de filosofia, capaz de possibilitar ao aluno a autonomia do pensamento, e nessa procura por respostas para as problemáticas do cotidiano, muitas vezes constatar que não possuem respostas prontas e adequadas para as questões postas, o que demonstra que através da experiência filosófica na sala de aula, o professor pode constrói todo um campo de experimentação, na qual a reflexão sobre o problema possa mobilizar o pensamento conceitual na busca e criação de respostas racionais para as questões a serem respondidas.

Esta atitude de experimentar o problema a partir de seu conceito nos traz o resgate de uma filosofia ativa capaz de superar a recongnição do ensino, na qual o professor ensina filosofia baseado numa concepção filosófica, induzindo o aluno a pensar o que já foi pensado. A ruptura com a pedagogização explicadora do ensino, se faz urgente, de modo que as dificuldades por parte dos estudantes, no âmbito da aprendizagem possam ser superadas, abrindo espaço para a busca de um saber filosófico capaz de desestabilizar a falsa estrutura da opinião formada, que mantém o estudante preso ao senso comum.

Assim, o exercício do filosofar na sala de aula, torna-se um desafio constante por parte do professor que tem a missão de tornar o ensino de filosofia mais criativo e produtivo, correndo o risco de cair na vulgaridade, na tentativa de tornar o ensino de filosofia mais agradável e acessível ao entendimento do estudante com a utilização de atividades de animação, exibição de vídeos e debate de ideias que podem se limitar a simples trocas de opiniões. Nesse sentido, pontua Favareto (2004, p.44). “Pergunta-se como a filosofia se situa na cultura como modo de produção de sistemas de significação. A filosofia em ato constitui-se em modalidade enunciativa que, pela sua especificidade, tematiza e elabora as dificuldades da produção de sentido.

A questão a ser levantada, é como a filosofia se situa na cultura, e sobre seu

ensino como disciplina escolar e sua contribuição para a formação da cidadania, como também da sua capacidade de se situar legitimamente no meio social, de modo que ofereça aos estudantes subsídios e significados válidos para suas vidas. São questões relevantes que pedem respostas diárias na busca de uma filosofia prática, que possa ser de fato essencial nas descobertas cotidianas na sala de aula. Na inquietação desse exercício de ensinar filosofia no ensino médio, pontua Kohan

Pensar a filosofia e, particularmente, o ensino de filosofia na situação cultural em que vivem - na teoria e na linguagem, na sensibilidade e nos comportamentos – multiplicidade, a heterogeneidade e a dispersão, é o desafio. Pois, tradicionalmente, o valor formativo da filosofia foi sempre referido a uma suposta unidade da experiência e do saber, o que implica, devido à visão de totalidade aí implícita, o requisito de sistematicidade. Mas, já faz muito tempo que a filosofia nem mesmo é um ato que se refere a uma região delimitada e fixada do saber, mas algo em ato. (KOHAN, 2004, p.80).

Nesse aspecto, podemos afirmar que o ato de ensinar filosofia nas escolas de ensino médio, possibilita ao aluno a construção do saber ético através de uma experiência reflexiva. A partir da lógica de um pensamento racional praticado na sala de aula, podemos dar significado ao ato do filosofar e apreender o conceito a ser construído, tornando o aluno capaz de entender o aglomerado de acontecimentos e informações que estão ao seu alcance a todo momento.

Assim, pode-se tornar possível, uma filosofia prática com vistas à ação, já que está se colocar dentro do contexto social vivido pelo aluno e procura orientar a compreensão dos problemas, como também, traçar rumos nas descobertas de soluções que podem revolucionar o refletir filosófico no ambiente escolar.

Nessa análise da importância do ensino da filosofia, nos remetemos ao papel do professor na condição de filósofo, como mediador do processo de formação ética para a cidadania dos seus estudantes de ensino médio. Nesse questionamento sobre a função do professor de filosofia, podemos nos remeter aos ensinamentos de Sócrates que afirmava que ensinar filosofia exige também fazê-la, praticá-la, vivê-la. De certo modo a lição de Sócrates ao dizer que só sabia que nada sabia, se esclarece segundo Kohan (2009):

Isto é, enfim, o que Sócrates e a filosofia sabem quando afirmam que não sabem e que não dão à luz a nenhum saber: o valor do que os outros sabem, ou, em outras palavras, da relação que os outros têm com o saber e do modo como vivem. É isso o que a filosofia "ensina", ou permite aprender, antes e agora: o valor de certa relação com o saber, que dá lugar a um modo de vida marcada pelo exame e o cuidado de si. (2009, p.36).

Sabendo que o papel da educação é formar para cidadania, formação essa que é fundamental para que a filosofia se manifeste, primeiramente na capacidade de dar ao aluno o direito de exercer sua liberdade como agente moral, e depois, partir para uma reflexão sobre o seu modo de agir. Nesse aspecto, a filosofia deve partir do princípio da autonomia do estudante e procurar desenvolver também, a capacidade deste de se colocar no lugar do outro, tornando possível através dessa dinâmica, uma nova forma de ver e conhecer o outro e se conhecer desse encontro de afetos, dando uma significação maior ao sentido da coletividade dentro do ambiente escolar, onde sofremos com o sentimento do individualismo e da competição sedimentada no nosso cotidiano.

Dentro dessa perspectiva de mudança nas aulas de filosofia no ensino médio, podemos pensar que a noção da educação filosófica, não está relacionada ao excesso de conteúdo ministrado aos estudantes, mas sim, a liberdade dada a eles, no ato de construção do saber pensar sua própria problemática, questionando as questões que vivenciam no seu cotidiano, que os levará a conquistar a autonomia do pensar por si mesmo e refletir sobre suas ações, sendo através dessa atitude, serem capazes de uma real mudança de comportamento nas suas vidas e nas aulas de filosofia. Desse modo nos fala Favareto (2004, p.50).

Educar para a inteligibilidade significa reafirmar que a crítica não vem antes das condições que a tornam possível. Portanto, se o desenvolvimento do pensamento crítico não prove de genéricas discussões de temas e problemas, não provem de uma coleção de conceitos, doutrinas, problemas e textos. O pensamento reflexivo é fruto de uma aprendizagem significativa, que supõe o domínio e a posse dos procedimentos reflexivos, e não apenas de conteúdo.

A formação filosófica mediada pela criação de conceitos, a fim de que, o sujeito moral atue no ambiente escolar, não apenas pela aplicação de conteúdo

relacionado à ética e a moral transmitido pelo professor, mas por um campo de experiências bem mais complexo, na medida em que a assimilação do conhecimento e a autonomia de criar e recriar conceitos, dizem a respeito as vivências de cada indivíduo e vão depender da maturidade destes mediante a necessidade de socialização que ocorre dentro do grupo social e familiar no qual atua como sujeito.

O professor do ensino médio de filosofia, possui essa dificuldade de conciliar o ensino da tradição filosófica como informação, em detrimento com o ato da reflexão filosófica de temas comuns ao cotidiano do estudante, a fim de, dar significado ao filosofar. Sendo que o professor, como um mediador da construção dos conceitos de significação da reflexão crítica a ser instaurada, encontra a resistência por parte do estudante, no processo do filosofar, quando este pede uma participação mais ativa no ambiente da sala de aula.

Essa dinâmica do estranhamento faz parte do processo de ensino e aprendizagem nas aulas de filosofia, e é necessária, para chamar a atenção e gerar o interesse dos alunos para o exercício do pensamento crítico, desde o levantamento das ideias formuladas, ao questionamento das mesmas e à problematização de interesses comuns ao alunado.

Nesse aspecto, os questionamentos comuns às reflexões filosóficas, poderão levar as respostas fundamentadas na história da filosofia, que alinhadas a um processo de um filosofar significativo, como uma possibilidade de se chegar a compreensão do problema inicialmente formulado pelo estudante. A experiência do filosofar se apresenta fundamental na aquisição de um conhecimento capaz de mudar a visão deste estudante consigo mesmo e com a sua comunidade.

Nós, como professores de filosofia, não temos a certeza sobre, se de fato a filosofia é ensinável ou aprendível? Talvez, pela insegurança que nos acomete ao esperar que tudo que se ensina pode ser aprendido, pelo menos é o que se espera de cada disciplina administrada por um professor, ou seja, que se tenha um resultado que demonstre um bom rendimento ao final de cada semestre.

Assim, como professores, não temos garantia sobre o retorno daquilo que foi ensinado e nem do que foi aprendido pelo estudante, ficando apenas a certeza que as sementes foram lançadas. Nesse aspecto, do estranhamento ao questionamento, se encontra o encanto da filosofia, um eterno duvidar que nos lança na busca de um filosofar incessante, que nos qualifica como filósofos e porque não professores de filosofia. Desse modo de acordo com Gallo (2013, p.46).

Disso podemos concluir que não necessariamente o que é ensinado é aprendido. A aprendizagem é um processo sobre o qual não se pode exercer absoluto controle. Podemos planejar, podemos executar tudo de acordo com o planejado, tomando todos os cuidados imagináveis; mas sempre algo poderá fugir do controle, escapar por entre as bordas, trazendo à luz um resultado insuspeitado, inimaginável. Aí se encontra, em minha maneira de ver, a beleza do processo educativo: agimos sem nunca saber qual será o resultado de nossas ações. [...].

Podemos entender que o aprendizado nas aulas de filosofia, pode até ter um método didático que oriente o professor sobre, qual caminho seguir ao ensinar seus estudantes, mas sabemos que em relação à aprendizagem, não há nenhuma garantia que possa dar o controle ao professor que os estudantes assimilaram o conhecimento ministrado. Nessa perspectiva, no ensino de filosofia, não há garantias nem controle sobre o que é ensinado ou aprendido, pois novos horizontes se abrem sobre cada conteúdo, novas descobertas ressurgem em cada questionamento e o que realmente importa nisso tudo, é o percurso que atravessamos entre o não saber e o saber, o próprio fluxo contínuo do filosofar!

REFERÊNCIAS

ADAS, Sergio. **Propostas de Trabalho e Ensino de Filosofia**: Especificidade das habilidades; eixos temático-históricos e transversalidade. São Paulo: Moderna, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB nº 15/98. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**, 2000.

_____. Ministério da Educação. **Novo ensino médio – dúvidas**. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em 07 janeiro de 2019.

_____. **LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia: ensinar e aprender**. São Paulo: Saraiva, 2012.

FAVARETTO, Celso F. Notas sobre o ensino de filosofia. In: ARANTES, Paulo E. et alii. *A filosofia e seu ensino*. São Paulo: Vozes/Educ, 2004.

GALLO, Sílvio (Org.); DANELON Márcio; CORNELLI Gabriele. **Ensino de filosofia**: teoria e prática. 6. ed. Campinas, São Paulo, UNIJUI, 2004 (Coleção filosofia e Ensino).

_____. **Metodologia do ensino de filosofia**. Uma didática para o ensino médio: 1º ed., SP, Papirus, 2013.

GHEDIN, Evandro. **Ensino da Filosofia no Ensino médio**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOHAN, Walter O. (Org.). **Políticas do ensino de filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. (Org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

NASCIMENTO, Edna M. M. do. **Pragmatismo: uma filosofia da ação: de Dewey a Paulo Freire**. Teresina: EDUFPI, 2017.

_____. Edna M. M.do. **Dewey e Rorty: Da metafísica empírica á metafísica da cultura**: Teresina: EDUFPI, 2014. 248p.

_____. Edna M. M.do. **O ensino de filosofia na educação de nível médio em Teresina (Pi):** Relação entre formação inicial e prática pedagógica do (a) professor (a) de Filosofia. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2002.

PERISSÉ, Gabriel. **Filosofia, ética e literatura: uma proposta pedagógica**. Barueri, SP: Manole, 2004.